

Banco Central dos EUA pressiona os credores

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Os banqueiros americanos, que demonstram pouca disposição de reduzir a dívida externa dos países em desenvolvimento, sugerida no Plano Brady, estão agora sendo encurralados tanto pelo Congresso dos Estados Unidos quanto pelo próprio Federal Reserve Board, o banco central americano.

A pior ameaça para os bancos é que não poderão descontar no Imposto de Renda as perdas que tiverem, quando algum país deixar de pagar. Hoje, o Federal Reserve exige de todos credores (que têm US\$ 70,7 bilhões emprestados aos países) uma reserva total de US\$ 4,9 bilhões para enfrentar eventuais calotes, mas este total pode subir para US\$ 49 bilhões, que é o valor real da dívida conforme a cotação do mercado secundário.

Os bancos, além disso, pode-

rão ver-se obrigados a criar mais reservas por causa de um projeto de lei apresentado na terça-feira pelo presidente da Sub-comissão de Bancos e Desenvolvimento Internacional da Câmara dos Deputados, Walter Fauntroy. A proposta determina que os bancos que se recusem a participar de acordos de redução da dívida estabeleçam reservas especiais para seus empréstimos - que passariam a ser consideradas 'de alto risco'.

As primeiras reações dos banqueiros são iradas, pois, afirmam, o Plano Brady fala em redução voluntária da dívida e não obrigatória. Na opinião de William Taylor, um dos diretores do Federal Reserve, os banqueiros exageram em suas queixas:

- Afinal, os 22 maiores bancos americanos aumentaram seu capital primário de US\$ 40 bilhões em 1982, para US\$ 74 bilhões no final do ano passado.